



Universidade de Brasília – UnB
Decanato de Ensino de Graduação
Universidade Aberta do Brasil - UAB
Instituto de Artes - IDA
Departamento de Música
Curso de Licenciatura em Música à Distância

**APRESENTAÇÕES MUSICAIS ESCOLARES:
Um relato de experiência com alunos do ensino médio da escola Educação Criativa
de Ipatinga/MG**

Marcelo Silva

Ipatinga
2015

MARCELO SILVA

**APRESENTAÇÕES MUSICAIS ESCOLARES: Um relato de experiência com
alunos do ensino médio da escola Educação Criativa de Ipatinga/MG**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito obrigatório
para a obtenção do título de Licenciado em
Música na Universidade de Brasília.

Orientadora: Delmary Vasconcelos de Abreu

Ipatinga
2015

Dedico este trabalho a minha querida esposa e filhos amados, a quem eu amo de todo coração

AGRADECIMENTOS

A Deus que me deu o dom da vida e me cobriu com a sua benção em todos os dias da minha vida. Minha mãe Euda por cuidar de mim com muito esforço em meio as dificuldades da vida, nunca deixou que faltasse nada. A minha sogra Maria da Graças (Barbosa) por sempre acreditar em meu potencial e confiando sua filha a mim. Em especial a minha querida conselheira e líder espiritual Deize Petronilho, que sempre me doutrinou e entendeu, esteve comigo e confiou em mim em todo tempo, me teve como um filho sempre me estendendo as mãos quando precisei, por você tenho eterna admiração de um filho para com sua mãe. Minha esposa Sinthia Oliveira, a principal responsável por esta conclusão de curso, que acreditou em mim e me mostrou que eu poderia ir mais além do que eu imaginasse, a você minha flor sou eternamente grato.

Meus filhos Lucca e Marcela, que embora pequenos, foram quem me inspiraram a seguir em frente, por eles e por amor a eles.

Obrigado

“É melhor tentar e falhar, que se preocupar e ver a vida passar. É melhor tentar, ainda que em vão, que se sentir fazendo nada até o final. Eu prefiro na chuva caminhar, que em dias tristes em casa me esconder. Prefiro ser feliz, embora louco, que em conformidade viver.”
Martin Luther King

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como tema as apresentações musicais escolares. Ao relatar minhas experiências docentes em música no espaço escolar, tomei como objetivo descrever as práticas musicais construídas com alunos da disciplina Arte. Trago um panorama de como são realizadas essas escolhas, bem como a estruturação do coro para alunos do ensino médio, o processo criativo musical, como se dá a escolha dos solistas e divisão de vozes, como ocorre o ensaio instrumental, a preparação das músicas e organização dos alunos participantes deste coral, até a culminância deste em apresentações em eventos escolares. Tomei conceitos de autores como Fonterrada (2005); Hentschke e Del-Ben, (2003) e Penna (2010). Os resultados desta descrição reflexiva me levaram a concluir que os jovens que fazem música na escola, seja por meio de bandas, coro, dentro o fora da sala de aula mostram, pelas escolhas e preferências de alunos que querem se lançar ao desafio do novo, de algo que os instigue a provocar no outro o mesmo prazer estético que sentem na performance musical apreciada e executada. Os resultados deste trabalho podem contribuir para que outros licenciandos em música pensem no fazer musical no espaço escolar como processo de aprendizagem, mas também como produto musical. Eis, portanto, o desafio de ser professor de música em escolas de educação básica.

Palavras-chave: docência em música; coro no ensino médio; práticas musicais.

ABSTRACT

This course conclusion has themed school musical performances. When reporting my experiences teaching music at school, I intended to describe the musical practices built with Art discipline of students. Bring a view of how these choices are made, and the structuring of the choir for high school students, the musical creative process, how is the choice of soloists and division of voices, as in the instrumental test, preparation of music and organization of students participating this coral, to the culmination of this in presentations at school events. I got author's concepts like Fonterrada (2005); Hentschke and Del-Ben, (2003) and Penna (2010). The results of this reflexive description led me to conclude that young people who make music at school, whether by band, choir, within the outside the classroom show the choices and preferences of students who want to launch the challenge of the new, something that instigate causing the other the same aesthetic pleasure they feel appreciated and performed in musical performance. These results can contribute to other licensees in music think of the music making at school as a learning process, but also as a musical product. This then is the challenge of being a music teacher in basic education schools.

Keywords: Teaching in music; Choir for high school students; Musical practices; choir.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	8
2. FORMAÇÃO EM MÚSICA E INSERÇÃO NO CONTEXTO DA ESCOLA EDUCAÇÃO CRIATIVA DE IPATINGA/MG	9
2.1 Experiência formativa no curso de licenciatura em música a distância na UnB ..	10
2.2 Minha inserção na escola educação criativa de Ipatinga/MG	11
3. EXPERIÊNCIA DOCENTE EM MÚSICA COM O CANTO CORAL NA ESCOLA	14
3.1 Diagnóstico com jovens que tocam instrumentos musicais	15
4. ANÁLISE DE ENTREVISTAS COM ALUNOS DA ESCOLA	18
4.1 Produto musical em formato de apresentações culturais no contexto escolar.....	19
5. ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DOS RESULTADOS ENCONTRADOS ...	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho de conclusão de curso se realiza por meio de um relato de experiência registrado como docente no espaço escolar. O trabalho consistiu em descrever práticas musicais incluídas no cronograma de atividades da disciplina de artes dos alunos do 1º ano do ensino médio. Trago um panorama de como são realizadas apresentações em eventos escolares.

Apresento a seguir uma discussão intitulada: formação em música e inserção no contexto da escola Educação Criativa de Ipatinga/MG. Após, descrevo minha experiência docente em música com o canto coral na escola. Em seguida, trago uma pequena análise de entrevista realizada com alunos da escola. Por fim, nas considerações finais, trago uma síntese sobre o meu processo de atuação como professor de música no espaço escolar.

2. FORMAÇÃO EM MÚSICA E INSERÇÃO NO CONTEXTO DA ESCOLA EDUCAÇÃO CRIATIVA DE IPATINGA/MG

Minha experiência na área de música não é muito extensa, não sou músico profissional. Entretanto busco viver a música de forma mais intensa. Em 1997 passei a fazer parte de uma igreja evangélica em Manhuaçu/MG, cidade onde nasci. Lá pude ter meu primeiro contato com a música. Descobri minha voz e aprendi a tocar meu primeiro instrumento, o violão. Passei a fazer parte do grupo de louvor desta igreja, e lá fiquei durante 10 anos. Durante este tempo, aprendi mais sobre música e novos instrumentos, inclusive um que seria o meu favorito que é o teclado. Tornei-me o tecladista oficial da igreja tocando todos os dias, ou seja, de segunda a segunda. Nos anos de 2003 a 2007 foi realizado o congresso intitulado “A Hora Vem”, onde os louvores ministrados neste evento foram dirigidos por mim. Tive a ideia de fazer músicas temas para cada evento anual, que acontecia sempre na semana santa. A partir de então, veio a ideia de gravar um CD e formar um grupo fixo em formato de banda. Foi aí que surgiu o Ministério A Hora Vem..., no qual fui o líder e vocalista. Gravamos um CD com nove faixas e 200 cópias para distribuição.

Em 2008 me mudei juntamente com minha esposa para Ipatinga/MG, onde busquei espaço no mercado de trabalho. No início, pensei até em deixar a música um pouco de lado, mas foi quando, depois de passar por vários tipos de trabalhos diferentes, decidi escrever projetos para a utilização da verba de lei e incentivo à cultura. Assim, voltei a me envolver com a música, dança e artes visuais, foco do meu projeto, que visava contribuir com oficinas para todo o público. O meu projeto, intitulado 5inarte, foi aprovado durante dois anos consecutivos. Porém, minha esposa passou a trabalhar como concursada no município ficando eu proibido de escrever projetos por conta do parentesco.

Em 2010, minha esposa leu no jornal sobre o vestibular da UnB, o qual eu mesmo por minha própria vontade não faria, pois já não sabia se queria continuar vivendo da música. Foi então que, minha esposa sem que eu soubesse realizou a inscrição no vestibular para licenciatura em Música da UnB, mas mesmo assim não estudei e nem mesmo acreditava que iria passar. Por fim, fiz o vestibular e passei. Então, voltei a respirar música novamente.

2.1 Experiência formativa no curso de licenciatura em música a distância na UnB

Durante o meu processo formativo no curso de licenciatura vivi experiências da aprendizagem da docência em disciplinas como Práticas de Ensino e Aprendizagem – PEAM, no qual tive de elaborar planejamentos e dar aulas na escola, bem como nas disciplinas de Estágio Supervisionado de nível 1,2,3,4. – ESM. Todos os ESM foram realizados em escolas de educação básica.

Dessas experiências docente em música, trago algumas situações de ensino tanto vividas em salas de aulas como em projetos musicais na escola. Lembro que a primeira vez que enfrentei a sala de aula me senti empolgado com a ideia de atuar com alunos de verdade. Fiquei um pouco inseguro, pois não sabia que tipo de turma encontraria ao concluir esta primeira aula. Eram alunos do 3º ano do ensino fundamental I, em uma escola particular de Ipatinga-MG. Os alunos se empolgaram bastante e atenderam a todos os meus comandos da aula que era sobre percussão. Inclusive, a professora regente se animou bastante ao ver que seus alunos estavam executando com destreza as tarefas, e ao ver que o procedimento realizado para que elas tocassem sem nunca terem tido contato com o instrumento funcionou. Esse procedimento consistia em execução rítmica, que era através de batidas relacionadas com frases repetitivas. Isso fazia com que eles tocassem no tempo certo. Já em meu primeiro estágio cheguei com mais tranquilidade, pois já eram meus alunos na escola, que eram de um projeto social que a própria escola desenvolve com alunos carentes de uma comunidade vizinha.

No último ESM percebi o meu amadurecimento como professor pelo fato de já ter atuado nos estágios anteriores. Isso me deu segurança para atuar no ensino médio, faixa etária que gosto de atuar. Tive a oportunidade de trabalhar composição e etnografia musical com alguns alunos do 2º ano do ensino médio contando as histórias e origem de cada estilo assim como também o comportamento de seus adeptos. Trabalhei com eles sobre a história do samba, axé, sertanejo entre outros estilos. Estimulei a mistura deles, desafiei a tentarem inovar transformando um samba em rock e vice-versa.

Em uma aula seguinte a que eu abordei sobre o samba, eu pedi aos alunos que viessem para a próxima aula com um áudio deles tocando alguma música de um ritmo do gosto de cada um em versão de samba, a fim de avaliar o grau de aprendizado, se eles realmente estavam entendendo sobre a atividade estudada. O resultado foi muito

positivo, como por exemplo um aluno que gostava de metal pesado chegando com uma música do nirvana em ritmo de samba.

Alguns alunos me procuraram pela escola para falar sobre a experiência da mistura dos estilos e de entender que o samba ou um sertanejo também podem conter algumas células do rock, podendo misturar estes estilos. Para mim, esta situação vivida com este aluno me levou a perceber de como a aula de música na escola não pode se limitar ao simples fato das pessoas acharem que é para cantar ou tocar algum instrumento específico, mas que se pode também aprender sobre a música formulando conceitos. Ao pensarem musicalmente, a partir de células rítmicas e conseguirem relacionar estilos musicais, os alunos conseguem autonomia para fazer música, pensar na estrutura, na forma, articulando de forma criativa esses materiais sonoros. O aluno começa a pensar em como a música pode alcançar, desde sua história, criação, formas de comunicação. Diante disso, penso que para se ensinar música em uma sala de aula com 38 alunos, temos que levá-los a refletir sobre o que fazem, pois a aula de música não é só tocar e cantar, mas pensar como tocam, porque tocam, para que tocam.

Como educador musical, pude tirar muito proveito dessa experiência como estagiário, pois saí dessa aprendizagem da docência mais amadurecido. A cada nível de estágio, pude perceber que minha segurança como docente ia aumentando. Assim, pude entender que encarar uma sala de aula requer muito preparo, e saber realmente o que ensinar e para quem ensinar.

Dentre os níveis de ensino em que atuei, me identifiquei muito com a faixa etária de alunos entre os 15 e 17 anos, pois, especificamente nessa turma que atuei, eles se mostraram, de forma mais clara, o que sabem o que querem com a música. Além disso, talvez, pela experiência com a música, eles parecem possuir critérios para fazer a apreciação musical. Isso não significa que o meu olhar se fecha para as outras idades, e sim me estimula a me capacitar e adaptar conteúdos que levem todos os alunos de diferentes faixas etárias a saber, gostar, aprender e valorizar uma boa aula de música. Portanto, acredito que essas experiências nos estágios supervisionados no curso de licenciatura em música contribuíram para a minha inserção na aprendizagem da docência bem como a refletir sobre a minha inserção e atuação na escola de educação básica como descrevo no tópico que segue.

2.2 Minha inserção na escola educação criativa de Ipatinga/MG

Ainda como aluno do curso de licenciatura em música, fui convidado em fevereiro de 2013 a fazer parte do corpo docente de uma instituição de ensino no Vale do Aço como monitor pedagógico e também como músico. Anterior à contratação, em 2009, tive a oportunidade de auxiliar a professora Sinthia Oliveira, em alguns trabalhos como músico. Dos trabalhos e experimentações em música vivenciados nesta instituição, um foi desafiante e especial: O Canto Coral. Embora tenha trilhado várias experiências com música, nunca tinha ensaiado um coral com tantas vozes.

À convite da professora Sinthia Oliveira, que era e ainda é a professora de artes desta instituição de ensino, vivenciei a experiência do Canto coral, conhecendo como funcionava o processo de seleção e ensaios. A prática do Coral é vigente na instituição há quase 20 anos, projeto desenvolvido pelas turmas do 1º ano do Ensino Médio, duas apresentações no ano: celebração Páscoa e Natal. Os ensaios eram sempre direcionados pelo professor da Arte e um músico convidado. Nesta ocasião, o músico era eu.

Hoje como monitor pedagógico, sou responsável pelo 2º ano do ensino médio e aulas extracurriculares das turmas do 1º ano do ensino médio. Em virtude de estar cursando música, passei também a ser o responsável direto pela formação e ensaios do coral do 1º ano do ensino médio.

A proposta curricular da escola é sustentada pelo modelo "Reconstrucionista Social". Além de entendermos que o ato de educar envolve todos os aspectos do cotidiano escolar, pautamos nossa prática de acordo com os seguintes parâmetros: 1) A aprendizagem é dinâmica, ela está em permanente desenvolvimento; 2) As ações devem primar pela responsabilidade individual e social; 3) A comunicação proporciona o domínio do código de linguagens; 4) O comportamento da comunidade escolar é pautado pela solidariedade; 5) Toda atuação precisa ocorrer com autonomia moral e intelectual; 6) Os problemas são analisados e servem como subsídios para a pesquisa e busca de soluções originais na área científica, tecnológica e sócio-histórica; 7) É preciso possuir o sonho de orientar e envolver-se com a construção da vida e da sociedade mais justa e feliz.

Mediante esta proposta, abro um parágrafo para expressar minha opinião em relação à inserção da música na escola como componente curricular obrigatório na disciplina Arte. Defendo a ideia de que a música é tão importante quanto o português e a matemática. A música, além de contribuir como área de conhecimento específico, ao meu ver, também contribui para ajudar os alunos compreenderem outras áreas do conhecimento, além de atuar diretamente no comportamento do indivíduo.

Uma das possibilidades e modalidades da música que pode ser realizada na escola é o canto coral. Acredito que, pelo fato do canto coral ser de fácil acesso, uma vez que se requer o mínimo de investimento em instrumentos musicais, é uma modalidade que pode contribuir, como área de conhecimento, para a aprendizagem da música como por exemplo: leitura musical, elementos rítmicos, além de estimular o convívio entre os integrantes dos grupos de coral, compartilhando experiências e vivências. Dessa forma, “a perspectiva sócio-educativa do canto coral, [...] poderia, [...] desempenhar papel fundamental na educação escolar, desde a infância”. (AMATO, 2007, p.81)

O coral na Escola Educação Criativa, na qual estou inserido, existe há 9 anos. Atuo nessa função desde o início de 2013. Desde a sua fundação, a escola é um efetivo espaço de produção de conhecimentos. A música tem sido trabalhada nessa escola de forma inovadora em sua proposta pedagógica e na maneira de agir, valorizando, incansavelmente, a formação dos educadores como agentes de transformação da sociedade. Além disso, a escola investe em atividades de pesquisa e extensão.

Com relação à disciplina de artes do ensino fundamental e médio da referida escola, esta possui em seu conteúdo disciplinar vários processos criativos que estimulam os jovens a explorar seu lado artístico. A professora Sinthia Oliveira é a responsável por tudo acontecer na área artística da escola, fazendo com que os processos artísticos sejam executados e tenham sucesso. Os eventos de páscoa e natal, são os principais eventos do 1º ano de ensino médio que conta com 135 alunos matriculados. Para que o processo estrutural do coral seja bem sucedido, é preciso filtrar esta demanda de alunos, devido ao espaço do evento. Então, são oferecidas aos alunos outras opções, pois, as atividades contam ponto na disciplina e eles precisam cumprir um cronograma, estas opções são: artesanato, artes visuais, teatro, visita a creches e asilos, tudo direcionado ao tema páscoa ou natal. A maioria dos alunos optam pelo coral. No entanto, tem aqueles que preferem outras atividade, devido a não saberem cantar ou não querer estar na frente de um público, o que resulta em média de 70 a 80 alunos no coral.

3. EXPERIÊNCIA DOCENTE EM MÚSICA COM O CANTO CORAL NA ESCOLA

Tive meu primeiro contato ensaiando coro com a realização deste trabalho, digo que tive medo, pois não é a mesma coisa que ensaiar um louvor de igreja ou uma banda, mas, porque não adaptar a realidade do coral, às minhas experiências com igreja, e foi o que fiz, criei um coral uníssono, explorando a potência do conjunto das vozes tendo apenas como partes do coral, os solistas, vozes femininas e masculinas. É certo dizer que as vozes femininas dão muito mais corpo ao coro do que as masculinas, pelo fato de que os alunos meninos tem um pouco de vergonha para soltar a voz nesta idade. O instrumental também é parte importante na construção das músicas, tenho tido muita sorte em encontrar excelentes músicos instrumentistas entre os alunos do 1º ano. Após realizar pela 5ª vez o evento desde 2013, pude ver que a fórmula realmente funciona e agrada às pessoas que assistem, às vezes causando ate comoção entre eles.

Sabendo que os eventos de páscoa e natal são realizados na escola há 20 anos e que todos os alunos do 6ª ano do ensino fundamental até o 2º do ensino médio assistem, os alunos criam uma expectativa diante destes eventos, principalmente os do ensino fundamental, os alunos do 9º ano. Eles ingressariam no 1º ano do ensino médio, este o responsável pela produção dos eventos. Estes alunos do 9º ano, em sua grande maioria, sonham com a ideia de no ano seguinte ter o evento e eles poderem participar lá na frente cantando e tocando. Esses alunos assistem deste o 6º ano até o 9º por volta de oito apresentações durante todos esses anos, e realmente se empolgam em poder fazer parte no futuro de tal evento. Essa constatação se dá pelo fato de me abordarem pelos corredores da escola dizendo: “ano que vem quero cantar no coral”, ou então dizem: “olha eu sei tocar violão, você vai me deixar tocar?” Essas abordagens e indagações dos alunos me deixam motivado, pois gosto muito desta interação e interesse dos alunos.

Na realidade, isso é o que me motiva a sempre trabalhar com este projeto musical, pois isto me aproxima muito deles. Para Ribeiro (2012, p. 12), “a educação musical escolar é uma possibilidade de humanização a partir da troca dos saberes, das relações interpessoais, das relações sociais e afetivas que são construídas ao longo do percurso escolar”.

3.1 Diagnóstico com jovens que tocam instrumentos musicais

Nestes três anos que trabalho com este evento, tenho descoberto excelentes alunos músicos instrumentistas. Alguns desses alunos já vem para a escola com experiências de tocar em igrejas, o que é muito bom para o desenvolvimento do processo do coral, sabendo que as músicas são de conteúdo religioso. Isso os estimula ainda mais a tocarem. Este ano tive todos os instrumentistas na banda do coral, digo isto, porque, nos anos anteriores, eu toquei teclado pela falta de tecladistas entre os alunos. Durante o ano, costumo utilizar os alunos que já tocam instrumentos para além do acompanhamento musical com o coral. Esses alunos também são estimulados a tocar em outras atividades escolares, fazendo assim com que eles de certa forma criem uma banda entrosada.

Para tanto, descrevo neste trabalho como se dá esse processo de chegar a ter bons alunos músicos que escolhem participar dessas atividades com música desenvolvidas na escola.

A partir do momento em que os alunos optam pelas atividades de canto coral, tenho procurado conhecer as habilidades de cada um, se tocam, o que tocam, há quanto tempo, se cantam e se têm ritmo. Acredito ser essencial conhecer tais habilidades, assim como o construtor precisa conhecer os materiais para trabalhar e construir uma grande obra.

Os alunos que tocam em sua grande maioria, são os que tocam violão. Então, é preciso a partir daí, filtrar este contingente e isto requer um pouco de psicologia pois, não é fácil tirar ou colocar um aluno de algo específico onde ele deseja tanto participar. Eu peço a eles que toquem alguma coisa para mim, algo que eles saibam, daí avalio mudança das notas, ritmo, e se as notas soam sem que fiquem mascando, e ao final de tudo a parte mais complicada, que é conversar com o aluno explicando que ainda precisa treinar e se dedicar mais.

Com as vozes é o mesmo processo, porém, antes que o aluno cante para mim eu logo digo que se eu reprovar, que ele ou ela estejam preparados para receber a crítica como construtiva. Em 2013 tive duas experiências muito boas em relação ao vocal. A primeira foi quando precisei de um aluno que dominasse bem o inglês, para cantar a música Happy Christmas de John Lennon, e o único que eu tinha era um aluno que nasceu nos EUA, e veio morar no Brasil por conta da mãe ser uma brasileira. Eu o chamei para fazer um teste e como já era de se esperar, o aluno não tinha muito ritmo e

muitas vezes atropelava as entradas, a princípio este aluno não seria uma boa opção, mas, vi uma luz no fim do túnel quando percebi uma certa afinação na sua voz. Então, resolvi assumir o risco e integrá-lo ao grupo, somando é claro, com a vontade e dedicação que este aluno demonstrou para comigo se prontificando a conseguir seguir o ritmo certo. Foram vários ensaios, no total nove quartas-feiras em longas tardes de muito ensaio. Ao final não consegui alcançar meu objetivo de fazer com que ele conseguisse cantar acompanhando o instrumental sem atropelar as entradas. Porém, no meio do processo percebi que sempre quando eu marcava o tempo nas mãos, ele conseguia cantar a música toda sem errar. E, foi aí que o mantive no coral e no dia da apresentação me posicionei de modo que ele pudesse acompanhar o tempo. Por fim, o resultado foi brilhante no quesito afinação e ritmo.

Um segundo caso foi uma aluna solista que ensaiou toda a música em todos os ensaios, já estava certo que ela era a dona da música, porém, às vésperas da apresentação, esta aluna foi internada. Então, surgiu a substituta que até então não havia se manifestado nos ensaios, porém estava sempre com a música ensaiada, pois fazia parte do coro, mas estava com vergonha de ser solista e não disse nada. Ela cantou tão bem quanto a solista, chego a dizer que foi até melhor.

O que tiro destas duas experiências é que todos tem um dom, sempre tem aquele aluno mais reservado que tem um grande potencial ou aquele que precisa de mais incentivo. Este caso se assemelha ao de um filme que vi, cujo professor e regente de um coral aceita um grande desafio de colocar um jogador do time de futebol da escola que precisa ter notas em outras disciplinas, este aluno em questão, não tinha ritmo algum, mas demonstrou interesse em aprender, então o professor se sentou com ele e se dedicou a fazer dele um bom instrumentista ritmado ao tambor. (Filme disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MCxXngXp5ck>).

Esse filme foi refletido também a partir do artigo de Penna (2010). A autora menciona questões pertinentes ao papel do professor de música e à sua formação. O trabalho de Mr. Holland como docente se torna significativo apenas quando ele é capaz de superar a postura do professor como um técnico, passando a adotar uma prática profissional reflexiva, buscando construir caminhos que partam da experiência musical dos alunos. Mesmo considerando as diferenças entre a realidade americana e a brasileira, a autora procurou relacionar tais questões ao ensino de música na educação básica. Por fim, a autora diz que procurou discutir no artigo as distintas concepções do papel do professor como técnico ou como profissional reflexivo evidenciando modelos

de formação baseados na racionalidade técnica e na racionalidade prática (PENNA, 2010).

4. ANÁLISE DE ENTREVISTAS COM ALUNOS DA ESCOLA

As maioria dos alunos optam pelo coral, devido à identificação com o trabalho, pois muitos já cantam em igrejas, ou fazem aula de piano e violão desde pequenos. Dentre os alunos que aceitaram conceder entrevista, escolhi os relatos de dois jovens estudantes que frequentam as aulas de arte/música e participam de apresentações musicais escolares. Os temas indagados estavam relacionados ao: gosto musical dos alunos; as preferências e escolhas de repertório, ensaios e apresentações musicais escolares.

A preferência de Gleydson e Caio é pelo pop rock e música eletrônica. No que se refere a prática musical fora do espaço escolar, os mesmo alunos evidenciaram o gosto por tocar violão, cantar em coral e tocar bateria. O coro é tido por eles como hobby e como algo “legal” em participar. Entendo que o fato deles participarem do coral da escola é mais uma forma de estarem inseridos em práticas musicais, pois para eles o que parece importar é estarem envolvidos com a música.

Quanto perguntei sobre as expectativas na participação do coro para as celebrações natalinas, observei pelas respostas que eles já tinham referência dos resultados dos anos anteriores, e por isso, acreditavam que o mesmo aconteceria de igual modo. Para eles, há sempre o desafio do novo, daquilo que ainda está por vir.

Com relação aos ensaios para as apresentações, os jovens estudantes falaram da segurança que os ensaios trazem. É, nas palavras de um deles, “uma preparação para que a gente consiga passar e as pessoas consigam entender com mais facilidade a mensagem que nós estamos querendo passar”. Essas palavras remetem à ideia de um estudante comprometido com a estética musical e com o cuidado para que a obra interpretada chegue ao receptor do mesmo modo como interpretam. Portanto o exercício do fazer, repetir, aperfeiçoar, é segundo um dos estudantes “treinar para ficar show”. Isso mostra que o entendimento que eles têm a respeito da arte-música passa pela concepção de um fazer estético. Esse fazer estético na educação musical é para (Elliot *apud* Fonterrada, 2005, p. 33) um fazer e ouvir música criativamente sem separar apreciação e produção de música. Em outras palavras, a compreensão estética deve estar atrelada à performance como centro de aprendizagem.

No que se refere ao repertório musical utilizado na apresentação escolar, especificamente no evento de natal, os estudantes contaram que a música precisa “tocar

o coração das pessoas e passar nossas mensagens”. No entanto, os jovens opinam sobre a inserção de música que apreciam como “vento impetuoso e joyful, joyful”. Ao falarem sobre o gosto por determinadas músicas percebe-se que os alunos querem participar não somente executando música, mas também no processo de escolhas de repertório. Isso, parece estar ligado ao que disseram anteriormente sobre “tocar o coração das pessoas e passar nossas mensagens”, ou seja, àquilo que nas palavras de Larossa Bondía significa dizer: aquilo que nos toca, aquilo que se passa dentro de nós e nos acontece, modificando-nos e, conseqüentemente, podendo tocar outras pessoas com aquilo que nos toca. (BONDÍA, 2002)

Por fim, sobre o dia da apresentação escolar, isto é, estar no palco da escola, os alunos disseram que há uma ansiedade no início da apresentação, “mas, depois que dá tudo certo, a gente fica calmo e percebe que a ansiedade não levou praticamente a nada”. Há, portanto, certo nervosismo, “mas depois vou ganhando confiança até que a apresentação ocorra”. Nas palavras de um dos estudantes, “é uma conquista, né, a gente ensaia muito e na hora dá tudo certo e... é bom”. Esse depoimento de alunos nos leva a pensar que o jovem precisa ser estimulado a vencer seus próprios desafios. São os desafios que os movem a querer participar das apresentações. Portanto, faz-se necessário que aulas de música na escola vão para além do processo de aprendizagem na sala, mas que tal processo se transforme em produto musical, para que alunos, professores e pais avaliem a música como processo e produto como afirma Hentschke e Del-Ben, (2010).

4.1 Produto musical em formato de apresentações culturais no contexto escolar

Durante todo o ano eu costumo relacionar os alunos que trabalho com todas as atividades artísticas musicais existentes na escola, digo isso e deixo claro, que gosto de trabalhar com uma equipe fixa e que tenha facilidade em compreender as instruções que são passadas, quando vejo que determinado aluno corre o risco de deixar a equipe na mão, como por exemplo, atrasos repetitivos, brincadeiras fora de hora, entre outras, este não serve para trabalhar comigo, pois preciso de resultados e ensaios requerem disciplina e compromisso. Muitas vezes, convido estes alunos para apresentações durante os intervalos que duram 20 minutos e isso é tempo suficiente para eles aproveitarem e tocar diante dos amigos e colegas da escola, dando oportunidade e todos

que queiram contar e se apresentar neste período de intervalo, isso é muito bom para a integração com os outros alunos da escola.

No mês de agosto a escola realiza a jornada científico que conta com a apresentação de 15 projetos de iniciação científica realizados pelos alunos do 2ª ano do Ensino médio, e mais uma vez mobilizo os instrumentistas para realizarmos a abertura deste evento. Em 2013 realizei uma abertura instrumental fazendo um Pout-Pourri de vários trechos de músicas de sucesso juntamente com um corpo de bailarinos dançando. Em 2014, fizemos uma apresentação de voz e violão com um grupo de cinco alunos com belas vozes que cantaram quatro músicas em sequencia com uma bela performance vocal. E, neste ano pretendo realizar novamente um instrumental, só que desta vez com um trabalho autoral, envolvendo dança e artes cênicas.

A culminância de todo este trabalho artístico se deu no ano seguinte. Esses alunos já no 2º ano do ensino médio participaram mais uma vez de um trabalho realizado pela disciplina de artes denominado “sarau literário”. Meu papel nessa disciplina é dar apoio técnico e oficinas de composição e arranjo musical. Os alunos se empolgam muito com as oficinas, eles aprendem sobre como usar as palavras e combiná-las de forma correta em uma boa prosódia. Os alunos também aprendem sobre a combinação de ritmos e suas variáveis. É um momento musical muito produtivo e que prende a atenção dos alunos que absorvem muito bem o conteúdo que resulta em ótimas composições em que talentos são revelados. Participam deste evento apenas os alunos interessados na formação da banda.

Acredito que essa identificação que os alunos têm com o coral ajuda, e muito, na hora de escolher os músicos e coristas. Estes, em particular, já especulam pelo coral no ano anterior ao ingresso no ensino médio.

A outra parte dos que decidem pelo coral, são aqueles que apenas precisam contar com os pontos da disciplina de artes. Porém, não se identificam com as outras atividades de artesanato ou visita asilo ou creche. Esses alunos optam pelo coral e, de certa forma, passam a ser o corpo do coral, ou seja, as vozes que sustentam os solistas e que dão volume ao conjunto. Deste grupo de vozes costuma sair uma solista ou um instrumentista que por mais que toque ou cante, é um aluno tímido. Então, os colegas acabam os denunciando e eu procuro alguma oportunidade de inseri-los ao conjunto para testá-los.

Analisando o contexto musical e a influência que mesmo exerce sobre o jovem, pude perceber que a interatividade entre eles aumenta. Aquele aluno que, por muitas

vezes é um pouco fechado, reservado, acaba se tornando mais comunicativo extrovertido, os outros alunos passam a se integrar mais com ele, talvez pela identificação musical ou até mesmo pelo aluno parecer uma pessoa mais descolada e com mais visibilidade entre os outros alunos da escola. Mesmo eu sendo o organizador direto da parte musical da escola, passo a ter um relacionamento mais próximo com os alunos, que antes nem sequer falavam comigo.

5. ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DOS RESULTADOS ENCONTRADOS

Este trabalho de conclusão de curso procurou apresentar minhas experiências formativas na docência em música por meio de práticas musicais desenvolvidas com apresentações musicais escolares. Os resultados desta descrição reflexiva me levaram a concluir que os jovens que fazem música na escola, seja por meio de bandas, coro, dentro ou fora da sala de aula mostram que querem se lançar ao desafio do novo, de algo que os instigue a provocar no outro o mesmo prazer estético que sentem na performance musical apreciada e executada. Os jovens envolvidos nos projetos musicais da escola cantam porque querem se apresentar em eventos.

Acredito que essas preferências de alunos se dão pelo fato de já terem alguma experiência com a música seja na família, igreja ou outros espaços formativos. Os jovens com os quais venho atuando são bastante competitivos, pois veem a possibilidade de continuarem tocando profissionalmente. Por isso, muitos deles querem se manter fazendo música no espaço escolar.

Os resultados deste trabalho podem contribuir para que outros licenciandos em música pensem no fazer musical no espaço escolar como processo de aprendizagem, mas também como produto musical. Eis, portanto, o desafio de ser professor de música em escolas de educação básica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTEERRADA, Marisa T. O. **De tramas e fios: um ensaio sobre a música e educação**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

FUCCI AMATO, Rita. O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musicais. In: **Opus**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 75-96, jun. 2007.

HENTSCHKE, Liane e DEL-BEN, Luciana. **Aula de Música: do planejamento e avaliação à prática educativa**. In: Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula. (Org. HENTSCHKE, L. e DEL-BEN, L.). São Paulo: Moderna, 2003.

LARROSA BONDIÁ, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

PENNA, Maura. Mr. Holland, o professor de música na educação básica e sua formação. **Revista da Abem**. Porto Alegre, V. 23, p. 25-33, mar. 2010.

RIBEIRO, Jucélia Cristina. **Música na Escola: o Canto Coral, Possibilidades e Limites**. **Dissertação** (Mestrado) do Paraná, Curitiba, 2012.